





INFLUÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOBRE SEXUALIDADE NO PLANEJAMENTO FAMILIAR

Mário Antônio Sanches ¹, Castorina Honorato Vidal Casagrande ²

Giovana Maestrelli ³, Carla Corradi-Perini ⁴

Resumo: Neste artigo que aborda a relação entre informações sobre sexualidade e planejamento familiar, busca-se mapear os locais sociais onde os participantes obtiveram informações sobre sexualidade e analisar a sua influência no planejamento da gravidez do primeiro filho. Trata-se de uma pesquisa descritiva e analítica, na qual aplicou-se para 1238 pessoas o instrumento de pesquisa Planejamento da Parentalidade no Contexto da Bioética que consta de 56 questões relacionadas ao planejamento familiar. Observa-se que os locais sociais com maior influência na informação sobre sexualidade são respectivamente amigos (27,9%), família (26,1%) e escola (18,7%). A pesquisa identifica o quanto alguns locais influenciam na informação sobre sexualidade recebida e o modo como isso impacta no planejamento familiar.

Palavras-chave: sexualidade, planejamento familiar, influência escolar, influência familiar.

INFLUENCE OF INFORMATION ABOUT SEXUALITY ON FAMILY PLANNING

Abstract This article that studies the relation between sexuality information and family planning aims to map the social places where participants obtained information about sexuality and analyze its influence in planning the pregnancy of the first child. It is a descriptive and analytical research, in which applied to 1238 people to the research instrument "Planning of Parenting in the Context of Bioethics", consisting of 56 questions related to family planning. It is observed that social sites with greater influence on the information about sexuality are respectively friends (27.9%), family (26.1%) and school (18.7%). The research identifies how much some places influence on

¹Doutor em Teologia com pós-doutorado em Bioética pela Pontifícia Universidade de Comillas (Madri). Professor do Programa de Pós-graduação em Bioética - PUCPR. E-mail: m.sanches@pucpr.br

²Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Teologia da PUCPR. E-mail: castorina_vidal@hotmail.com

³Mestre em Bioética pela PUCPR. E-mail: giovanamaestrelli@gmail.com

⁴Doutora em Ciências da Saúde. Professora do Programa de Pós-graduação em Bioética - PUCPR. E-mail: carla.corradi@pucpr.br





sexuality information received and how this impacts on family planning.

Keywords: Sexuality, family planning, school influence, family influence.

1. Introdução

Planejamento familiar é um tema complexo e pode ocorrer com diferentes ênfases. Além disso, no contexto de uma sociedade secular, os projetos parentais podem ter diferentes conteúdos e métodos, mas a existência de planejamento familiar em si demonstra um padrão ético diferenciado, pois exigem uma tomada de consciência dos processos que envolvem a reprodução humana, significando a superação do 'ter filhos sem pensar no assunto' (SANCHES; SIMÃO-SILVA, 2016).

Assim, independentemente do seu conteúdo, métodos e significados, compreende-se que há um grande avanço para a sociedade quando as pessoas passam a explicitar a parentalidade como projeto, porque a transmissão da vida requer uma decisão pessoal e responsável pois "cada menino ou menina tem o indiscutível direito de ser desejado antes de ser concebido" (BEÑERAF, 2006, p. 58).

A consciência sobre as questões do planejamento familiar alterou-se de modo significativo nas últimas décadas. De acordo com dados do UNICEF (2009), o crescimento demográfico do início da década 1970 até hoje caiu de 2,1% para 1,6% ao ano. Isto se deve ao uso de método anticoncepcional que passou a fazer parte da rotina de 50% das mulheres em idade fértil. Dessa forma, o número médio de filhos por mulher em países em desenvolvimento caiu de 6 para 4.

O tema da educação sexual, por sua vez, vem também se tornando mais relevante nos nossos dias. Nesse sentido, é importante atentar que nas questões vitais, como é o caso da sexualidade, as informações circulam por meio de processos educacionais formais ou de modo espontâneo. No contexto desta pesquisa é importante destacar a diferença entre informação e educação, pois as informações sobre sexualidade nem sempre circulam em contextos educativos propriamente ditos.

No âmbito da Bioética, Maria Casado (2011) chama a atenção para o fato de que o artigo 23 da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos da UNESCO revela a distinção educação/formação e informação em bioética e aponta para a questão fundamental: 'qual educação' queremos ou devemos promover.



Mediante la información se transmiten datos y conocimientos, sin evaluación ni orientación. Por el contrario, la educación y la formación implican un paso más y pueden considerarse como semejantes ya que transmiten valores y enseñan a jerarquizarlos y a evaluarlos... La cuestión fundamental en la formación bioética es, precisamente, decidir cuáles son los ejes sobre los que pivota la educación que se desea promover, qué tipo de ciudadano y qué valores (CASADO, 2011, p. 67).

Esta distinção se aplica à questão abordada nesta pesquisa, pois em alguns lugares se pretende educação sexual e em outros apenas circula informações sobre o assunto. Deste modo, atento a esta diferença, este artigo tem como objetivo relacionar informações sobre sexualidade – consciente que ela nem sempre ocorre em processos de educação sexual propriamente dito – e sua influência no planejamento familiar. O artigo foi elaborado a partir da hipótese de que o planejamento familiar é impactado pelas informações que as pessoas adquirem sobre sexualidade.

Diante da dificuldade de categorizar o tipo de informação recebida, optou-se por relacionar a informação com o local social onde ela se dá. Por isso, o instrumento da pesquisa apresenta sete alternativas de respostas sobre estes locais, a saber: amigos, escola, família, profissionais de saúde, religiosos, internet e outros. Há sem dúvida, uma dificuldade em agrupar ou definir, estes 'locais', visto que alguns são instituições formais, serviços públicos e outros são grupos sociais ou meio de comunicação. Por isso os denominamos de 'locais sociais' pois todos eles são espaços sociais onde ocorrem processos interativos que circula informação. O fato é que a informação sobre sexualidade sempre fluiu por diferentes locais, e é isto que queremos mapear, para depois relacionar o quanto a informação circulada em determinado local impacta no planejamento familiar. Assim, o objetivo deste estudo consiste em analisar a influência dos locais sociais nos quais os participantes obtiveram informações sobre sexualidade no planejamento da gravidez do primeiro filho.

2. Metodologia

O presente estudo se caracteriza por uma pesquisa descritiva e analítica com abordagem quantitativa. Este estudo é parte de um projeto maior, por isso utiliza, parcialmente, um banco de dados fruto de pesquisa de campo efetivada a partir da aplicação do Instrumento de Pesquisa *Planejamento da Parentalidade no Contexto da Bioética*. Este instrumento de pesquisa foi elaborado e validado pelo Grupo de



Pesquisa (Base CNPq) (SANCHES, et al, 2015) e consta de 56 questões relacionadas ao planejamento familiar. O referido instrumento viabiliza identificar, entre outros elementos, a influência da informação sobre sexualidade no planejamento familiar.

Deste modo, a pesquisa que deu origem a este artigo foi aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa com parecer: 770.977, de 27/08/2014. Os questionários foram aplicados em várias localidades do Estado do Paraná situadas em Apucarana, Campo Mourão, Curitiba, Jacarezinho, Londrina, Paranaíba, São José dos Pinhás e Toledo. A pesquisa fora realizada em encontros organizados por instituições religiosas, educacionais e sociais entre 2014 e 2018 sendo 45% em encontros no âmbito religioso, 35% em encontros com pais de alunos em escolas e 20% em espaços sociais, como clubes de mães e associações de moradores. No total foram respondidos 1238 questionários válidos relacionados à gravidez do primeiro filho. Os dados sistematizados com uso de software de análise estatística os SPSS serão comparados com dados encontrados na literatura.

3. Resultados

Os dados dos entrevistados no contexto desta pesquisa sobre a relação entre informação sobre sexualidade e planejamento da gravidez do primeiro filho revelam, quanto ao perfil dos participantes da pesquisa, que 75,7% se identificou como sendo do gênero feminino, 23,3% masculino, 0,3% dos entrevistados não identifica seu gênero e 0,7% não respondeu. Dos respondentes da pesquisa, 74,6% indica idade acima de 36 anos, conforme Tabela 1. Este perfil etário da amostra precisa estar presente na interpretação dos dados, pois para a maioria dos entrevistados a gravidez do primeiro filho pode ter ocorrido há mais de vinte anos e, portanto, a pesquisa não revela apenas a realidade atual, mas permite também um olhar retrospectivo.

Tabela 1 - Perfil etário da amostra

Idade atual	Frequência	Porcentagem
Entre 18 e 25	92	4,2
Entre 26 e 35	411	18,7
Entre 36 e 45	702	32,0
Entre 46 e 60	721	32,8
Acima de 60	216	9,8
NR	54	2,5
Total	2196	100,0

Fonte: Os autores, 2018.



A Tabela 2 revela que embora a grande maioria (68,9%) tenha vivenciado a gravidez do primeiro filho num contexto de casamento, 17,5% vivenciou essa realidade como solteiros, 8% em união estável e uma pequena percentagem em outras condições.

Tabela 2 - Perfil do estado civil na gravidez do primeiro filho.

Estado Civil	Frequência	Porcentagem
Solteiro	389	17,7
Casado	1513	68,9
Divorciado	25	1,1
Viúvo	21	1,0
União Estável	192	8,7
Separado Judicialmente	14	0,6
NR	42	1,9
Total	2196	100,0

Fonte: Os autores, 2018.

Os dados da pesquisa revelam que as informações sobre sexualidade efetivamente se dão por meios diversos. A Tabela 3 descreve que o local social com maior influência na informação sobre sexualidade são respectivamente os amigos (27,9%), a família (26,1%) e a escola (18,7%). Nota-se a pequena influência de religiosos e uma quase ausência de influência da internet.

Tabela 3 – De quem você recebeu mais informações sobre sexualidade?

	Frequência	Porcentagem
Amigos	613	27,9
Família	570	26,0
Escola	410	18,7
Religiosos	74	3,4
Profissionais de saúde	188	8,6
Internet	20	0,9
Outros	265	12,1
NR	56	2,6
Total	2196	100,0

Fonte: Os autores, 2018.



Quando cruzamos os dados acima com a identificação de gênero percebe-se uma distribuição diferenciada (Tabela 4), onde a ordem de influência da informação sobre sexualidade se distingue conforme a receptividade de cada gênero.

Tabela 4 – Tabulação cruzada Identificação de gênero * Recebeu mais informações sobre sexualidade.

Identificação de gênero		Recebeu mais informações sobre sexualidade de:							Total	
		Amigos	Família	Escola	Religiosos	Profissionais de saúde	Internet	Outros		
Feminino	N.	435	474	316	48	153	16	180	40	1662
	%	26,2	28,5	19,0	2,9	9,2	1,0	10,8	2,4	100,0
Masculino	N.	171	93	92	25	31	4	81	15	512
	%	33,4	18,2	18,0	4,9	6,1	0,8	15,8	2,9	100,0
Outro	N.	2	1	1	0	1	0	1	0	6
	%	33,3	16,7	16,7	0,0	16,7	0,0	16,7	0,0	100,0
NR	N.	5	2	0	1	3	0	3	1	15
	%	33,3	13,3	0,0	6,7	20,0	0,0	20,0	6,7	100,0
Total	N.	613	570	409	74	188	20	265	56	2195
	%	27,9	26,0	18,6	3,4	8,6	0,9	12,1	2,6	100,0

Fonte: Os autores, 2018.

As porcentagens aqui apresentadas (Tabela 5) tornam viável relacionar os dados cruzados entre 'Você planejou a gravidez do primeiro filho?' com 'De quem você recebeu mais informação sobre sexualidade?' Os participantes da pesquisa se posicionam, a partir de uma escala de 5 pontos, considerando-se o índice zero como não ter nenhum planejamento familiar e 4 o melhor índice de planejamento familiar.

As pessoas que indicam ter recebido maior informação sobre sexualidade de amigos são as que apontam o maior índice (45,4%) de zero planejamento familiar e a menor percentagem (30,5%) de nota quatro para a questão. De outro lado as pessoas que apontam a maior influência da família sobre a questão estudada indicam a maior índice de planejamento familiar (45,4%). Os dados abaixo explicitam de modo mais completo as relações estudadas, com destaque para o papel da família e dos profissionais de saúde na promoção do planejamento familiar.



Tabela 5 – Relação entre ‘Recebeu mais informações sobre sexualidade’ e ‘Planejou a gravidez do seu primeiro filho’.

Recebeu mais informações sobre sexualidade de:		Planejou a gravidez do seu primeiro filho						Total
		zero	1	2	3	4	NR	
Amigos	N.	278	46	37	50	187	15	613
	%	45,4	7,5	6,0	8,2	30,5	2,4	100,0
Família	N.	168	50	39	43	259	11	570
	%	29,5	8,8	6,8	7,5	45,4	1,9	100,0
Escola	N.	170	28	28	24	157	3	410
	%	41,5	6,8	6,8	5,9	38,3	0,7	100,0
Religiosos	N.	26	4	12	7	25	0	74
	%	35,1	5,4	16,2	9,5	33,8	0,0	100,0
Profissionais de saúde	N.	70	9	15	10	81	3	188
	%	37,2	4,8	8,0	5,3	43,1	1,6	100,0
Internet	N.	4	2	5	1	8	0	20
	%	20,0	10,0	25,0	5,0	40,0	0,0	100,0
Outros	N.	123	18	15	17	90	2	265
	%	46,4	6,8	5,7	6,4	34,0	0,8	100,0
NR	N.	18	8	4	4	18	4	56
	%	32,1	14,3	7,1	7,1	32,1	7,1	100,0
Total	N.	857	165	155	156	825	38	2196
	%	39,0	7,5	7,1	7,1	37,6	1,7	100,0

Fonte: Os autores, 2018.



4. Discussões

As discussões sobre a temática em estudo foram realizadas a partir dos resultados da pesquisa, de acordo com os objetivos do artigo, em relação entre os locais sociais que influenciaram na informação sobre sexualidade com os índices de planejamento da gravidez do primeiro filho dos participantes da pesquisa.

4.1 Características dos locais sociais com maior influência na informação sobre sexualidade

Como foi apontado anteriormente, no campo da sexualidade, educação e informação nem sempre vão juntas (CASADO, 2011). Desse modo, os pais e os demais educadores advindos sobretudo do ambiente escolar e das instituições de saúde pública, entre eles, professores, enfermeiros, médicos e psicólogos, dependem do trabalho uns dos outros. Isso porque a informação sobre sexualidade é complexa, dinâmica e atinge diversas dimensões da pessoa humana. Além disso, embora o conteúdo, a sexualidade, seja o mesmo, a abordagem, profundidade e especificidade de cada agente é distinta.

A pesquisa indicou que estes locais sociais, de onde se espera uma educação sexual propriamente dita, estão em segundo plano quando se indaga de onde se recebe mais informações sobre sexualidade, visto que os amigos têm uma influência maior. Todavia, família, escola e os profissionais de saúde desempenham um papel relevante na questão estudada e no conjunto tem influência predominante sobre mais da metade dos entrevistados (53,3%).

Por isso, pensando na educação sexual propriamente dita, pode-se estabelecer algumas divisões de papéis entre a realidade familiar, escolar e dos profissionais da saúde. Assim, aos pais caberia o diálogo franco e acolhedor, estando inseridos num ambiente de intimidade e profundidade, bem como a constância das intervenções, uma vez que estes passam mais tempo com seus filhos (JANEIRO, 2008). Aos professores, o conteúdo da educação sexual apresenta-se mais sistematizado, planejado e ampliado, embora assumam também aspectos semelhantes ao papel familiar. Aos profissionais de saúde, pelo contato breve com os adolescentes, caberia a focalização nos programas de educação sexual de prevenção, abordando, por exemplo, os métodos contraceptivos.

Desse modo, embora as diferentes posições de cada educador sexual possam promover um amplo plano de educação sexual, sabe-se que a eficácia da educação sexual está relacionada ao vínculo que aquele indivíduo que se propôs a ensinar possui com o adolescente.



Nesse sentido, as funções acima citadas podem se inverter. Por isso, num segundo momento, podem-se estabelecer mais propostas de educação sexual conjuntas, conforme apresentou um projeto piloto realizado em uma escola de Goiânia (MURTA et al., 2012). Tal projeto, oferecido por um grupo de psicólogos, pretendeu identificar a dificuldade de pais e professores no processo de educação sexual, bem como promover uma educação ampla com os adolescentes e educadores envolvidos no projeto.

Dessa maneira, embora existam dificuldades no processo de educação sexual, deve-se considerar, sobretudo, a qualidade do vínculo estabelecido com o adolescente como ponto de partida para uma educação eficaz, isto é reforçado pela alta influência da família (26%) indicada na pesquisa realizada. Por fim, a pesquisa pode ser aprofundada para mapear a inter-relação e interdependência dos diversos âmbitos de educação sexual e, por consequência, de todos os educadores envolvidos.

4.2 A informação e controle sobre sexualidade

Existe dificuldade em decidir qual o termo ideal a ser usado no que se refere à educação ou orientação sexual, e o mesmo ocorre com os temas relacionados com a sexualidade. O sexo esteve relegado à área do privado durante um longo período, tornando-se um objeto de pesquisa somente a partir do século XX (PORTER; MIKULÁS, 1998). O que ocorre na vida sexual do indivíduo passou a ser investigado, os dados tabulados e os relatórios divulgados, com o objetivo de tornar a sexualidade cientificamente conhecida.

Os corpos passaram a ser corrigidos e modelados pelas mais variadas instâncias, as mídias e a publicidade tratam os indivíduos como objetos de consumo, e assim ditam o seu peso, a aparência e o seu cheiro ideal. E mesmo as questões que envolvem as relações e diferenças de gênero tornaram-se alvo de atenção e são divulgadas pelos meios de comunicação (PORTER; MIKULÁS, 1998, p. 16).

O controle sobre o corpo e sobre a sexualidade do indivíduo ainda continua, mas estão ocorrendo mudanças gradativas. As normas de controle tentam enfatizar a valorização da sexualidade por si mesma, separando-a dos aspectos reprodutivos, e dessa forma seu espaço ampliou-se para fora do matrimônio (RIBEIRO, 2001, p. 23). A sociedade contemporânea adquiriu, assim, a capacidade de interferir no processo reprodutivo para regular a fecundidade.

Outros fatores considerados positivos é que a sexualidade masculina deixou de ser a única reconhecida e a mulher tornou-se sexualmente livre e ativa. Com isso as significativas mudanças em



relação à sexualidade passaram a influenciar a reprodução humana: hoje as pessoas podem controlar sua fecundidade, e assim o fator biológico deixou de ser uma imposição (RIBEIRO, 2001).

Neste sentido é interessante observar nos dados da pesquisa que as mulheres receberam mais influência (9,2%) dos profissionais de saúde do que os homens (6,1%). Este resultado pode apontar para questões ambíguas: as mulheres, assumindo a sua sexualidade, tornam-se mais autônomas, controlando as informações sobre os processos reprodutivos? Ou, as mulheres continuam sendo mais monitoradas e controladas dos que os homens? O papel de controle sobre processos reprodutivos vem saindo, cada vez mais, das mãos dos moralistas – usualmente de cunho religioso – para as mãos de profissionais de saúde. Mas isto não significa que o controle social tenha deixado de existir. Nota-se, na verdade, que a influência de religiosos nesta área está já bem reduzida (3,4%), esta percentagem pode ser ainda menor, para a população em geral, visto que 45% dos questionários foi aplicado em encontros no âmbito religioso. A mudança da influência dos religiosos para a influência da família e de profissionais de saúde não significa que o controle moral tenha desaparecido ou mesmo diminuído.

Apesar de todas as mudanças relatadas, a sociedade ainda se surpreende diante das mudanças sobre a temática da sexualidade. Antes questionava-se o rigor moralista de como o tema era tratado, agora a permissividade em relação a ele é vista como algo danoso à própria sociedade. Assim, o questionamento da promiscuidade sai do âmbito da moral para o âmbito da saúde. Segundo Masiá Clavel (2007, p. 92) “as ambiguidades da sexualidade humana manifestam a vulnerabilidade humana”. O autor salienta que a característica da sexualidade humana se encontra na “dupla possibilidade de se tornar cada vez mais humana ou de se desumanizar”.

Percebe-se em relação à temática da sexualidade a crescente intervenção de vários grupos feministas. De acordo com Louro (2014, p. 135), sua interferência é visível na formulação de políticas curriculares: “Eles procuram introduzir nas propostas de educação a dimensão do prazer, geralmente ignorada nas concepções tradicionais”. Essas interferências muitas vezes são barradas por questões tanto políticas quanto religiosas – o que traz à tona o moralismo que ainda permeia as questões sexuais. As políticas curriculares estão sendo elaboradas, segundo Weeks (1993, p. 64), “não por uma esquerda libertária, mas por uma direita moral”, e isso ocorre como tentativa de regular e orientar a sexualidade dos jovens e adolescentes dentro de um padrão considerado saudável.



Em meio às discussões sobre a sexualidade, é interessante observar que existem poucas informações sobre as formas como as escolas brasileiras conduzem as discussões e as atividades ligadas a ela. Em regra, a proposta é não se comprometer, devido à complexidade das questões envolvidas.

No entanto, apesar de toda pressão exercida pelos pais, os jovens buscam maior autonomia no uso e controle de seu corpo. Mesmo em situações em que os pais adotam posturas mais rígidas, a tendência é que os filhos exerçam essa autonomia. A iniciação sexual, por ser considerada um rito de passagem, possui significados diferentes para meninas e meninos. O menino é estimulado a afirmar sua virilidade, enquanto a menina deve, segundo a expectativa da família e da sociedade, retardar ao máximo sua iniciação sexual. Esta visão tradicional de dupla moralidade tem sido cada vez mais questionada, mas continua presente e muito bem denunciada pela nossa pesquisa, visto que a família exerce maior influência sobre as mulheres (28,5%) do que sobre os homens (18,2%), conforme Tabela 5. Nota-se também nos dados que a influência dos amigos – que certamente se dá à revelia da família, da escola e de profissionais de saúde – é mais forte para os homens (33,4%) do que para as mulheres (26,2%).

Quando pais e educadores agem para prolongar e encorajar a imaturidade dos jovens e adolescentes, eles de certa forma não contribuem para transmitir uma educação sexual séria. Portanto, entender as necessidades dos jovens por informação especializada e contribuir para minimizar suas carências em relação a elas seria o primeiro obstáculo a ser vencido.

4.3 Informação sobre planejamento familiar e parentalidade

No projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), a abordagem sobre sexualidade contempla a prevenção de doenças. O planejamento familiar do documento visa à contracepção, isto é, passa informações sobre como utilizar contraceptivos e preservativos, de forma a evitar a gravidez (BRASIL, 2006). O discurso encontrado nos documentos incentiva a mulher perceber a gravidez como uma doença que precisa ser evitada e tratada. Vale destacar que a gravidez é vista como um problema para a vida profissional e um limite para a liberdade feminina. Talvez seja por isso que a influência dos profissionais de saúde seja exercida mais sobre a mulher, como apontamos acima.

A importância da família não pode ser desprezada e por mais que a cultura contemporânea tente negar, a segurança e o cerne do apoio às pessoas são dados muitas vezes pela família. É nela que:



A adolescente com uma gravidez não programada, ou que adquire o vírus HIV, encontra o amparo necessário. Ignorar a importância da família é ignorar o que temos de mais seguro frente aos problemas decorrentes do uso inadequado da sexualidade (CALDATO; CALDATO, 2011, p. 10).

Uma abordagem dos projetos de educação sexual mostra-se incompleta se ignorar a importância da família e se a sexualidade for reduzida à vivência do sexo, podendo dessa forma ser instrumentalizada, dissociada do afeto. "Outros aspectos importantes excluídos dos projetos de educação para a sexualidade são a dissociação donexo liberdade e responsabilidade e a exclusão da afetividade no exercício da sexualidade" (CALDATO; CALDATO, 2011, p. 10).

É o que ocorre quando se apresenta a necessidade de uma sexualidade responsável apenas com o foco em evitar as ISTS/HIV/AIDS e a gravidez. Como explica Cerqueira (2011, p. 132), a sexualidade vista dessa forma pode ser "desastrosa para os adolescentes, (...) que recebem a informação de que tudo não passa de uma necessidade biológica". O amor nesse caso estaria ligado a um ato biológico pré-determinado à atração física e ao sexo.

No projeto de parentalidade, a responsabilidade e o amor estão presentes. Desse modo, a gravidez pode estar desde cedo no horizonte do adolescente e do jovem, mas seria uma opção, e não a consequência de uma relação sexual desprotegida. Se o jovem possui a capacidade de escolher a profissão, o carro e a viagem de formatura, ele provavelmente pode escolher o momento adequado para ter filhos, pensando no bem dos mesmos. Neste sentido, incentivar o projeto de parentalidade "é pensar a acolhida, o afeto e o cuidado dos filhos" (SANCHES, 2015, p. 26).

5. Considerações finais

Muitos são os desafios presentes na análise do modo como ocorre a informação sobre sexualidade e seu impacto no planejamento familiar. Por isso, ao entender que na sociedade há redes de informações interdependente, onde o diálogo é provocado por todos, se estabelece o primeiro passo: muitos são os locais sociais que impactam na formação de adolescentes e jovens, sobretudo, no tema estudado.

Contudo, os educadores formais, como pais, professores e profissionais de saúde, exercem o protagonismo dessa educação de



modo próprio, porém, considerando sempre a qualidade do vínculo estabelecido com o adolescente ou jovem como fator de relevância para a realização da educação sexual.

Há uma transformação em curso em relação a quem aborda o tema da sexualidade. A religião perde seu espaço, enquanto outros, como os profissionais de saúde, aumentam sua influência. Disto não pode-se concluir que o controle sobre a sexualidade diminui. Ela continua presente, marcando mais fortemente as mulheres. O espaço hegemônico que os amigos ocupam na influência sobre sexualidade, pode estar denunciando que outros locais, principalmente a família e a escola, não dão as condições necessárias para que a pessoa possa expressar a sua sexualidade como lhes convêm. Deste modo, a grande influência dos amigos apresenta também seu aspecto ambíguo: é falta de uma adequada educação sexual? Ou é um espaço de se abordar o assunto sem o controle institucional?

Evidentemente que a pesquisa precisa ser aprofundada, pois, a informação que ocorre no âmbito educacional pode ser bastante distinta mesmo quando se analisa o mesmo local social onde se dá. Por exemplo: as escolas não são unânimes na promoção de educação sexual e mesmo as que a consideram importante não o fazem do mesmo modo. Há famílias onde a sexualidade é abordada visando o crescimento da criança, mas há também um grande número de famílias onde o tema é tabu. Deste modo, quando a pesquisa identifica a importância destes locais sociais para a sexualidade, não implica em negar a diversidade que existe entre eles, de uma escola para outra, entre as diversas famílias e as pluralidades de abordagem sobre sexualidade existente entre os profissionais de saúde.

Por fim, a pesquisa precisa ser aprofundada, pois a informação sobre sexualidade diverge mesmo quando ocorre em igual local social, como por exemplo, a divergência entre as escolas quanto ao método e conteúdo da educação sexual. Deste modo, quando a pesquisa identifica a importância destes locais sociais para a informação e educação da sexualidade, não pretende negar a diversidade que existe entre eles, mas sim, mostrar a pluralidade e complexidade da rede que aborda a informação sobre sexualidade.

REFERÊNCIAS

BEÑRAF, Luis Feder. Los Orígenes de la violencia y la segunda revolución in psicoanálisis. In: SOLÍS-PONTÓN, Leticia; BECERRA, Teresa Lartigue; MALDONADO-DURÁN, Martin. *La cultura de la*



parentalidad: antídoto contra la violencia y la barbárie. México: Manual Moderno, 2006, p. 48-64.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Diretrizes para implantação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas.* Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL - Ministério da Educação: *Temas transversais- Orientação sexual.* 1998. Disponível em: portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientaçãosexual Acesso em: 20 fev. 2014.

CALDATO, Milena, Coelho Fernandes; CALDATO, Cassio. Apresentação. CERQUEIRA, Elizabeth (Org.). *Sexualidade, gênero e desafios bioético.* Centro de Bioética da Amazônia, CBAM. Ed. Difusão; São Caetano do Sul, SP, 2011.

CASADO GONZÁLEZ, Maria. Bioética y educación - Sobre la necesidad de adoptar una concepción de la bioética flexible y que promueva la educación en los principios de la Declaración Universal sobre Bioética y Derechos Humanos. *Revista Latinoamericana de Bioética*, v. 11, n. 2, 2011.

CERQUEIRA, Elizabeth. *Sexualidade, gênero e desafios bioéticos.* Centro de Bioética da Amazônia, CBAM. Ed. Difusão; São Caetano do Sul, SP, 2011.

CROW, Graham and ALLEN, Graham. *Community life: an introduction to local social relations.* New York, USA: Harvester-Wheatsheaf, 1994.

JANEIRO, José Manuel da Silva. Educar sexualmente os adolescentes: uma finalidade da família ou da escola? *Rev Gaúcha Enferm.*, Porto Alegre, RS, v. 29, n. 3, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.* 16ª ed. Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 2014

MASIÁ CLAVEL, Juan. *Encontros de Bioética: Lidar com a vida, cuidar das pessoas.* Ed. Loyola, São Paulo, SP, 2007.

MURTA, Sheila Giardini; *et al.* Direitos sexuais e reprodutivos na escola: avaliação qualitativa de um estudo piloto. *Psic.: Teor e Pesq.*, Brasília, v. 28, n. 3, 2012.



RIBEIRO, Lucia. *Sexualidade e reprodução: o que os padres dizem e o que deixam de dizer*. Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 2001.

SANCHES, Mário Antonio; et al. *Planejamento da Parentalidade no contexto da bioética: busca de uma nova abordagem para pesquisa*. Ed. Universitária Champagnat, PUCPR. Curitiba, PR, 2015.

SANCHES, Mário Antônio; SIMÃO-SILVA, Daiane Priscila. Planejamento Familiar: do que estamos falando? *Revista Bioética*, v. 24, n. 1, 2016.

PORTER, Roy; TEICH, Mikulás. *Conhecimento sexual, ciência sexual*. A história das atitudes em relação à sexualidade. Trad. Luiz Paulo Rouanet; ver. Gilson César Cardoso de Souza. Ed. Fundação Editora da UNESP, São Paulo, SP, 1998.

UNICEF. BRASIL. *Tema 1 del programa: Crecimiento demográfico y rápida urbanización: aumento la inseguridad alimentaria em contextos urbanos*. Disponível em:
https://www.unicef.org/about/execboard/files/B-8713S-JMB_Jan_09_-_population_growth.pdf. Acesso em: 23 out. 2015.

WEEKS, Jeffrey. *El malestar de la sexualidade: significados, mitos y sexualidades modernas*. Madri: Talasa, 1993.

Recebido em: 21 de junho de 2019.
Aceito em: 18 de novembro de 2019.

